

BEATRIZ BERRINI (*)

**O
ENSINO
DA
LITERATURA**

ABSTRACT - The Teaching of Literature

It deals with a concise vision about the teaching of literature from the initial question: "why to teach literature?"

The authoress shows the need to form and not only to inform the pupils.

Next she analyzes what must be taught and later she presents some didactic models that can be applied above all at a college course. She concludes that in a future time the simple transmission of knowledge will be of secondary importance. It will be necessary the use of methods that lead the pupils to a permanent education, to the elaboration of creative solutions to arising problems, to the work in groups, essential to our time and to the development of auto-criticism which will offer an intellectual growth.

RESUMO - O Ensino da Literatura

Trata-se de uma visão sucinta a respeito do ensino da literatura a partir da indagação inicial: "por que ensinar literatura?"

A autora mostra a necessidade de se *formar* e não de apenas *informar* os alunos.

Analisa a seguir o que deve ser ensinado e, depois, apresenta alguns modelos didáticos que podem ser aplicados, sobretudo no ensino Superior. Conclui que, no futuro, a simples transmissão de conhecimentos desempenhará papel secundário, sendo necessária a aplicação de métodos que habilitem o aluno à educação permanente, à elaboração de soluções criativas para problemas emergentes, ao trabalho em equipe, indispensável em nossa época e ao desenvolvimento da auto-crítica, que lhe proporcionará o crescimento intelectual.

(*) A autora, ex-professora de Literatura Brasileira nesta Faculdade, é titular da mesma Cadeira na PUC de São Paulo.

1. Por que ensinar literatura ?

O primeiro problema com que se defronta o conferencista, dizia Ezra Pound, é ter palavras suficientes para preencher 40 ou 60 minutos. Preencher não me parece tão difícil. Manter a atenção do auditório presa por esse espaço de tempo, eis o problema.

O assunto "Ensino da literatura" é atual e complexo e, por isso, julgo que não me será tão árduo conseguir mantê-los interessados, digamos, por uns 40 minutos...

Vale a pena ensinar literatura ? A questão já foi levantada por muitos. Por Jacinto do Prado Coelho, por exemplo, no Iº Encontro de Professores de Língua e Literatura Portuguesa, realizado em Coimbra, em 1970. Em continuação, aliás, a um questionamento semelhante, feito por T. Todorov, durante o Colóquio de Cerisy-la-Salle, em França, em 1969.

Seja na França, em Portugal ou no Brasil, o problema do ensino da literatura coloca-se em resultado do crescente desinteresse dos estudantes pelos chamados cursos de Letras. É possível detectar algumas causas para a crise atual, tais como a multiplicação dos meios de comunicação de massa, a atração representada pelos cursos técnicos e científicos, que conduzem a profissões melhor remuneradas que a de professor, desprestigiada em outros aspectos também; o próprio desenvolvimento econômico do país, a exigir mão de obra técnica especializada etc. Aliás, trata-se de causas externas que afetam toda a escola e não apenas o ensino da literatura. Como causas internas, podemos apontar os

métodos rotineiros de ensino da literatura, a atitude ao mesmo tempo dogmática e vaga, de professores e de manuais, que - impõem uma série de "verdades" literárias a respeito de uma infinidade de autores e textos, apreciados como "belos", - "sublimes", "cheios de imaginação", "de delicada sensibilidade" etc....

Antes de mais nada, precisamos nos capacitar de que é preciso parar e refletir a respeito de nosso conceito de literatura, da visão que temos quanto à sua validade e importância, de suas funções - etc. Sem uma corajosa atitude crítica ao que vimos fazendo, às vezes até bem, e - sem uma decisão firme de mudança, permaneceremos instalados em uma cômoda rotina, sem conseguir alterar o quadro atual e sem alcançar transmitir aos nossos alunos "a paixão por determinadas obras e - pela literatura em geral" (Osman Lins).

Paralelamente a essa necessidade de revisão, coloca-se o problema da "educação permanente". Estamos sempre aprendendo. - As vezes com muita dificuldade de tempo, dinheiro, orientação, lazer. A revista - "Poétique", (nº 30, abril 1977), transcreve a reivindicação de um professor - francês que, argumentando que a lei francesa faculta a qualquer trabalhador a - *formação permanente*, perguntava: quando - nós, professores, teremos tal possibilidade? Entre nós, o problema é ainda mais complexo e crucial, o que não invalida, porém, a necessidade de uma atualização - constante do professor. Somente assim será ele um bom docente, capaz de entender a literatura e de ensiná-la.

Voltemos à pergunta inicial: vale a - - pena ensinar literatura? Ponderando assim - -

responde: "a literatura é uma força geradora. Incita a humanidade a continuar a viver, alivia as tensões da mente e lhe dá o alimento de que necessita, a "nutrição de impulsos". Afirmo ainda que a literatura tem uma função no Estado (aliás se não tivesse, por que a censura?). Não a função de coagir ou persuadir emocionalmente, ou forçar as pessoas a aceitarem ou não uma opinião, ou meia dúzia de opiniões, contrapondo-as a outras tantas. "A Literatura tem a ver com a clareza e vigor de todo e qualquer pensamento (...). Sobre Homero fundou-se uma civilização, - não um império".

É pois aceitável, nessa linha de raciocínio, a resposta que Roland Barthes deu à pergunta que vimos propondo: vale a pena ensinar literatura? "A essa pergunta que me atinge como um açoite, respondo - da mesma forma violenta: só se deve ensinar isso".

A educação - e a literatura é parte vital do processo - tem de estar voltada para a vida, para os problemas mais cruciais e imediatos de sua época. Senão, - não será educação, mas traição ao aluno.

"Mesmo que fale somente de pedras ou de brisas, a obra do artista vem sempre - dizer-nos isto: Que não somos apenas animais acossados na luta pela sobrevivência, mas que somos, por direito natural, herdeiros da liberdade e da dignidade do ser" (Sophia de Mello Breyner Andresen).

Ensinar literatura, portanto, para *formar* não para *informar*.

2. O que ensinar

De uma grande massa de obras, selecionar drasticamente o melhor, tendo em vista

o nosso tempo. No sentido amplo que lhe deu a poetisa. Há obras mortas, embora - consideradas válidas por séculos, que vêm oprimindo os estudantes. Sob uma massa - de informações, às vezes corretas, às vezes inúteis ou disparatadas; sob o peso de um elenco infindável de nomes e de textos enfadonhos, o aluno não consegue discernir o que seria de importância para ele, não alcança aproximar-se de obras que com certeza o atrairiam e em muito contribuiriam para sua formação. É preciso, pois, libertar o ensino da literatura de uma tradição tirânica, que consagrou autores e obras a partir de posturas histórico-críticas discutíveis. E tal tradição, diz-nos Ezra Pound, é responsável pela idéia corrente e extremamente perniciosa de que um bom livro é necessariamente um livro chato.

Assim, ler menos obras com melhores resultados. A propósito, cito a frase de uma antiga aluna minha aqui de Sorocaba, que reencontrei há pouco em Belo Horizonte, durante o VII Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. Escreveu-me ela um bilhete em que me dizia, entre outras coisas, ter sido minha aluna por "dois anos, quando "devoramos" a Crestomatia Arcaica". Hoje, certamente não posso ser acusada de fazer meus alunos "devorarem" a Crestomatia, embora procure pô-los em contacto com os Cancioneiros medievais ou com Fernão Lopes ...

Além disso, ao se fazer a indispensável revisão da tradição literária, é preciso levar em conta que tal tradição "construiu-se inevitavelmente de acordo com um tipo particular de censura estéti

ca que, por sua vez, tem raízes não estéticas. Perguntas que poderemos formular: por que o esquecimento das cantigas de - escárneo, que "passam a limpo" a ideologia senhorial das cantigas de amor e de - amigo? Por que sempre *Os Lusíadas*, por - mais genial que possa ser, e nunca a *Peregrinação*, que inverte a proposta épica?" (da Comunicação de Vilma Arêas, em Mesa Redonda, no citado Encontro de Belo Horizonte).

Selecionar as obras. Ler com os alunos, não para os alunos. "Quase como se ainda não se tivesse visto a obra" (Pound). Na verdade, "literatura é novidade que permanece novidade" (Pound) e podemos ler e reler as mesmas obras incansavelmente, - atentos sempre às coisas novas que têm - para nos dizer.

3. Como ensinar

"O que é o ensino da literatura? Eis uma pergunta que deve ser formulada antes de qualquer discussão sobre pedagogia. A nível superior como a nível secundário, - diz Beatrice Slama, acho que só se assimila bem aquilo que se descobriu por si mesmo."

Portanto, colocar o aluno em contacto direto com as obras literárias. É a recomendação também de Ezra Pound. Evitar de início os intermediários. O melhor diálogo é o que se estabelece direta e prontamente entre a obra e o leitor. Nada, a princípio, de historiadores de literatura, de livros de comentários ou de críticas às obras que estão sendo estudadas. - Arme-se o aluno com o instrumental mínimo indispensável e permita-se que "descubra" a obra, que a "explore", que por ela

se "empolgue".

Pound conta-nos uma história que se passou com Agassiz. Chegou-se a ele um estudante de pós-graduação, coberto de honrarias e diplomas, a fim de receber os últimos retoques. O grande naturalista tomou um peixinho e lhe pediu que o descrevesse.

- Mas esse é apenas um peixe-lua, disse o estudante.

- Eu sei, respondeu Agassiz. Faça uma descrição dele.

Depois de alguns minutos o estudante voltou com a descrição, apoiando-se em alguns livros de consulta. Agassiz pediu-lhe que descrevesse o peixe mais pormenorizadamente. O estudante preparou um texto de 4 páginas. O cientista pediu-lhe então que olhasse para o peixe. Ao fim de três semanas o peixe encontrava-se em adiantado estado de putrefação, mas o estudante sabia alguma coisa a seu respeito.

Primeira lição: aprender a ver. Com os próprios olhos.

Pound conta-nos ainda uma outra estorieta. Diz-nos que Pisanello pintou cavalos de tal maneira, que o Duque de Milão, --- depois de admirar as pinturas, mandou-o a Bolonha comprar cavalos. Pisanello tinha provado que sabia olhar um cavalo, que conhecia alguma coisa a seu respeito. Do mesmo modo, se alguém quiser saber alguma coisa sobre pintura, deve ir a um museu - ou a uma galeria de arte e, simplesmente, olhar para os quadros.

Assim também com a literatura. Para se conhecer poesia é preciso saber vê-la e, sobretudo, aprender a ouvi-la. Como? Lendo.

Na verdade, literatura não se ensina. - Desperta-se no aluno a paixão pelas grandes

obras, pela literatura em geral. Apenas isso.

Hoje em dia, as dificuldades para essa aprendizagem *sui generis* são muitas, maiores do que já o foram no passado. Mas, não se constituem em obstáculos intransponíveis, peculiares apenas ao Brasil.

Num artigo da revista "Poétique", nº 30, já citada, por exemplo, encontramos uma listagem das queixas mais frequentes dos professores franceses, a respeito da atual situação do ensino da literatura: os alunos não leem, o nível é muito baixo, literatura é coisa ultrapassada para a maioria dos alunos, é abstrata demais, fora da realidade, ninguém tem tempo para ler etc. Queixas muito semelhantes às de nossos professores. Situa o problema predominantemente no aluno, embora as causas possam ser encontradas no contexto socio-econômico, político, técnico-científico e cultural em que vive.

Não será resultado, também, de uma concepção errônea de ensino, de uma opção educativa deliberada por parte das classes detentoras do poder? De uma acomodação e ceticismo por parte dos professores? É preciso aceitar, aqui também, uma "abertura", no sentido de fazer da cultura, até aqui propriedade privilegiada de certos grupos, quase sempre constituídos por elementos que pertencem a uma elite sócio-econômica, um bem comum. "Somente quando tivermos dado ao aluno as possibilidades concretas de ler e escrever, poder-se-á falar em democratização" (Jean-Louis Halpê e outros, in "Poétique", nº 30).

De qualquer forma, é essencial, em qualquer processo de transformação do ensino, conseguir o envolvimento do aluno, sua adesão. Se ele não estiver interessado no

que lhe queremos transmitir, pouco ou nada se há-de alcançar. O aluno não pode permanecer na condição de receptor de aulas expositivas. Assim, parece-me indispensável:

1. A discussão da programação com os estudantes, em classe, se possível ao fim de cada semestre, tendo em vista o preparo do período seguinte. Em recente Seminário promovido pelo Instituto Goethe de S. Paulo a respeito de modelos didáticos para o ensino superior, o prof. U.P. Ritter, de Frankfurt, propôs, entre outros, os seguintes, que podem ser utilizados nesta fase: *aquário* e *contrato*. Tentaremos explicar, brevemente, estes modelos. No primeiro, 4 ou 5 alunos debatem um tema escolhido, no centro da sala, se possível sentados no chão, rodeados pelos colegas. Estes podem apartear-se, mas, para tanto, devem entrar momentaneamente no "aquário". Discutido um aspecto, o grupo central é substituído por outro, que prossegue na discussão, de tal sorte que, ao fim do debate, todos dele terão participado. No caso da programação, estabelecidos os diversos itens, alunos e professor poderão estabelecer um contrato. Durante o semestre, sempre que houver necessidade ou proveito, o contrato é retomado, discutido, quem sabe alterado. Com isto o aluno sentir-se-á empenhado, pois a programação foi discutida ítem por ítem com ele, e, então, comprometeu-se a fazer determinadas leituras e trabalhos, a ser avaliado desta ou daquela forma etc.

2. A permanência do professor frente à mesma classe por período não inferior a dois anos, para que possa levar a cabo uma experiência começada com determinado-

grupo, e, assim, lhe seja possível testar a eficácia do método adotado. Por outro lado, se o aluno não puder acompanhar até o fim um trabalho iniciado, certamente desinteressar-se-á. (A propósito veja-se o artigo de Fouquet e outros "Travail d'équipe et progression en CES", in "Poétique", nº 30, abril, 1977, p. 150 e seguintes).

3. Avaliações periódicas do trabalho - em execução: auto-avaliação pelo aluno, - pelo grupo, pela classe. Após cada avaliação será possível a correção de falhas - eventuais e um re-engajamento dos alunos.

4. Incentivo à criatividade. Em seu estudo sobre "O Ensino Universitário", Osman Lins relata uma série de experiências levadas a cabo por estudantes universitários de Literatura Brasileira, dentre as quais destacamos: encenação de "Autos" de Anchieta, a leitura do "Sermão da Sexagésima" de Vieira em uma igreja, leitura dramática interrompida pelos colegas postados em meio ao povo, quando através de perguntas e respostas davam-se informações sobre o Barroco, sobre a obra de Vieira - etc. Em curso recém-ministrado, alunos meus, à imitação de certos programas de T.V., entrevistaram "Gil Vicente", com muito humor e erudição...

Além disso, considero de suma importância o diálogo entre a Literatura e as outras artes, bem como a utilização dos mais variados meios de comunicação, a fim de dinamizar nosso ensino.

Posso testemunhar, por exemplo, o quanto foi proveitosa no primeiro semestre deste ano, em que desenvolvi o estudo do teatro português, com uma classe de 7º período, e fiz a análise da personagem com outra de 5º período, a colaboração dada -

por filmes em cartaz, por espetáculos teatrais, por sessões com projeção de "slides" etc. Mais precisamente: após o estudo dos fundamentos aristotêlicos da tragédia grega e sua aplicabilidade em "Frei Luiz de Souza", de Almeida Garrett, os alunos puderam assistir ao filme "Ifigênia" de Cacyonnis, baseado na tragédia de Eurípides, o que lhes permitiu visualizar uma peça clássica, comparando-a ao drama romântico. Foi possível, então, estabelecer um paralelo entre os meios de comunicação verbais e não-verbais. Da mesma forma, as personagens de "O Primo Basílio" puderam ser melhor avaliadas depois que debatemos as personagens de "Amargo Regresso" - onde também está presente um triângulo amoroso - levando a uma comparação entre a personagem de romance e a personagem de cinema; e, também, tivemos oportunidade de mostrar diapositivos sobre a pintura realista; a classe pode então discutir melhor os princípios do Realismo, e sua assimilação --- maior ou menor pelos diferentes meios de expressão artística. Não se trata, a meu ver, de fuga à palavra escrita, mas de estímulo à leitura e ampliação da cultura de nossos estudantes, muitas vezes bastante escassa. Usamos também diapositivos para ambientar seja a tragédia grega, mostrando as ruínas dos teatros de Dionisos em Atenas, de Epidauro, Éfeso, Delfos etc., seja o teatro medieval vicentino, pois -- apresentamos as cidades medievais, as praças com as catedrais etc.

Parece-me também importante o envolvimento da comunidade. O prof. Ritter, no citado Seminário, sugeriu-nos por exemplo, o método da "infoteca" e da "rede". Consiste o primeiro na cooperação voluntária

de alguns especialistas, dispostos a se -
engajarem no trabalho universitário, pre-
dispondo-se a prestar informações, a dar
entrevistas, a participar de debates etc.
Os alunos recorrem à "infoteca" sempre --
que necessário, seja na busca de indica--
ções bibliográficas, seja para a solução--
de problemas ou esclarecimentos de pontos
duvidosos. Porque não aproveitar, para --
tanto, por exemplo, professores e especia-
listas aposentados ? Quanto ao sistema de
"redel", permite a troca de experiências -
entre alunos separados fisicamente, embo-
ra engajados numa atividade comum. Tentei
a aplicação deste modelo, pensando num --
planejamento em conjunto com outras Uni--
versidades do país, mas ainda estou dando
os primeiros passos. Penso, no entanto, -
que se alguns estudantes de vários centros
universitários se propuserem a fazer estu-
dos e pesquisa, a partir de um planejamen-
to cuidadoso que permita a cooperação de-
todos e conduza a objetivos bem determina-
dos, certamente chegar-se-á a um bom re--
sultado.

Aliás, Osman Lins, no seu estudo sobre
ensino universitário, mostra bem como é -
possível, em alguns casos, obter o envol-
vimento da comunidade que poderá ceder a
igreja ou o teatro, para as dramatizações,
ou a emissora local para a transmissão de
programas culturais elaborados pelos alu-
nos etc.

Deslocando o problema do ensino da Li-
teratura presente para o futuro, somos le-
vados a ponderar sobre outros métodos. No
futuro, diz-nos o prof. Ritter, a simples
transmissão de conhecimentos desempenhará
papel secundário em nossas universidades.
Dar-se-á maior ênfase à transmissão de --

qualificações gerais que habilitem o indivíduo para:

1. a educação permanente;
2. a elaboração de soluções criativas para problemas emergentes;
3. o trabalho em equipe, indispensável em nossa época;
4. o desenvolvimento da auto-crítica, que lhe proporcionará o crescimento intelectual.

O estudo em grupo parecer ser a forma mais apta, no momento, para se conseguir dar ao aluno tais qualificações.

O avanço do conhecimento em todas as áreas tornou impossível a simples transmissão de uma soma abrangente de conhecimentos. É mais racional treinar o estudante para que adquira comportamentos que lhe hão de permitir no futuro organizar seus estudos de forma independente. O trabalho em grupo proporciona-lhe ocasião de desenvolver suas aptidões, de aprender a aceitar as limitações alheias, de aperfeiçoar comportamentos sociais, além de comunicar uma soma de conhecimentos, sob uma forma mais eficaz e ativa.

Paralelamente ao trabalho de grupo, temos a monitoria. O monitor, escolhido entre os próprios alunos da classe ou de classes mais adiantadas, será precioso auxiliar: (1) num curso baseado primordialmente em aulas expositivas, quando então os monitores desenvolvem e aprofundam com os grupos os temas abordados na conferência; (2) para completar os temas tratados, mostrando aspectos não abordados, ou ministrando aulas práticas; (3) desenvolver temas que não serão estudados nas aulas principais.

O monitor, convenientemente treinado,-

antes do início das aulas, deve estar familiarizado com o material que será usado, consciente dos objetivos e métodos que serão utilizados etc.

Em classes numerosas, a combinação do trabalho em grupo com a monitoria proporcionará excelentes resultados.

4. Técnicas de análise textual

Para dotar o aluno de um instrumental mínimo ou para orientá-lo nos caminhos do conhecimento literário, em nível universitário, é preciso considerar também as possibilidades que se oferecem de análise textual. Algumas indicações rápidas.

O princípio norteador para a escolha desta ou daquela técnica de análise textual encontrar-se-á, antes de mais nada, no próprio texto.

Não existe um plano único de análise que nos possa dar a solução ideal para os complexos problemas suscitados pela análise literária. As obras literárias são insubmissas por natureza. Não podemos aceitar a imposição de um esquema inflexível de leitura. Tenhamos mentalidade aberta, anti-dogmática, insubmissa como a própria obra.

Recomendaria a leitura de um livro que se propõe como introdutório à leitura crítica do texto literário: "Técnicas de análise textual", de Carlos Reis (Coimbra, Alameda, 1976). Privilegia três modalidades de análise: a estilística, a estrutural, a semiótica, com referências também à crítica psicanalítica e à sociologia da literatura. Texto simples, extremamente didático, acompanhado de bibliografia atualizada.

O próprio estudo biográfico-histórico,

se revisto, poderia ainda ser válido. Na revista "Poétique" que já citamos tantas vezes, há um interessante estudo de Geneviève Idt a tal respeito.

Aliás, julgo conveniente citar aqui a opinião de T. Todorov, uma das "autoridades" do estruturalismo: "tenho a impressão que os métodos pedagógicos ficam obsoletos, que nenhum é definitivo e que ao fim de algum tempo, um método *bom* pode tornar-se *mau*. Por outro lado, antigos métodos podem ser rejuvenescidos".

5. Conclusão

M. Thereza Fraga, professora do Instituto de Educação da USP e antiga professora de "Prática de Ensino" da PUC/SP fez sua dissertação de mestrado a respeito do ensino da literatura. Entrevistou professores e alunos do 1º e 2º graus, e professores universitários. Ao fim de seu trabalho, apresenta as seguintes sugestões e soluções, que transcrevo resumidamente:

O professor deve:

1. Conhecer o seu público.
2. Ser criador.
3. Desenvolver a leitura polissêmica - do texto.

Penso que, obedecendo embora a um outro plano, abordamos os três aspectos em nossa palestra.

Gostaria de terminar transcrevendo dois trechos que definem bem duas posições frente ao problema do ensino da literatura, não sob o ponto de vista metodológico, mas antes em relação ao conteúdo. Parece-me, porém, que a escolha do conteúdo programático condiciona fatalmente a metodologia. Eis o que nos diz Nicole Gueunier: "Qual

a contribuição dada aos professores pelas novas pesquisas ? Antes de mais nada, a consciência da especificidade da literatura, o sentido da imanência, da presença do texto, desembaraçado das escórias psicológico-estéticas que se amontoavam sobre ele, usando-o como pretexto para o humanismo e a moral. Nesse sentido, há verdadeiramente uma reconquista, uma redescoberta da literatura que se expressa muitas vezes de forma agressiva". Neste caso, a ênfase é dada à postura analítica frente às obras. Ou, então, como propõe Osman Lins, nosso objetivo é despertar nos alunos "a paixão por determinadas obras e pela literatura em geral", e o professor será então um "inoculador de cultura", um "disseminador de indagações", amante dedicado e "fiel da literatura e dos livros".

6. Bibliografia

- Breyner, Sophia de Mello: *Grades - Lisboa, Dom Quixote, 1970*
- Flechsig, K.-H., Ritter, J. e Ritter, - U.P.: *Basic concepts of higher education - Göttingen, 1974*
- Fraga, M. Thereza F: *Literatura/Ensino: uma problemática - Faculdade de Educação, USP, 1974*
- Lins, Osman: *Problemas inculturais brasileiros - S. Paulo, Summus, 1977*
- Poétique - nº 30, abril de 1977 - Paris, Seuil
- Pound, Ezra: *ABC da Literatura - S. Paulo, Cultrix, 1970*
- *A arte da poesia - S. Paulo, Cultrix, 1976*
- Reis, Carlos: *Técnicas de análise textual - Coimbra, Almedina, 1976*
- VII Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa: -- *Textos - Belo Horizonte, 1979*